

Maternidade e Carreira durante a pandemia

Motherhood and Career during the pandemic

Thalyta Amália Feitosa Fernandes¹ , Rita de Kassia Custódio Claudino de Almeida² ,
Alinny Alice Batista³ , Antonia Milena Oliveira Silva⁴ , Larícia Nogueira Alexandre⁵ ,
Eveline Oliveira de Lucena⁶ , Rebecca Pinheiro Sedrim⁷ , Isabela Bezerra Ribeiro⁸ 

1. Graduanda do curso de Psicologia
Centro Universitário Vale do Salgado
E-mail: thalytafernandes1307@gmail.com

5. Graduanda do curso de Psicologia
Centro Universitário Vale do Salgado
E-mail: lariciaalexandre9@gmail.com

2. Graduanda do curso de Psicologia
Centro Universitário Vale do Salgado
E-mail: ritaah7@gmail.com

6. Mestrado interdisciplinar em História e Letras - UECE
Centro Universitário Vale do Salgado
E-mail: evelline@univs.edu.br

3. Graduada em Psicologia
Centro Universitário Vale do Salgado
E-mail: alinnyalicebatista@gmail.com

7. Mestrado Profissional em Educação pela Universidade
Regional do Cariri - URCA.
E-mail: rsedrim@gmail.com

4. Graduanda do curso de Psicologia
Centro Universitário Vale do Salgado
E-mail: mo896125@gmail.com

8. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de
Pernambuco - UFPE
Centro Universitário Vale do Salgado
E-mail: isabelabezerra@univs.edu.br

Artigo Original

Resumo: O presente artigo é resultante de uma pesquisa qualitativa, de cunho analítico, a qual teve como principal instrumento um questionário on-line, dividido por temáticas, sendo a primeira de dados sociodemográficos, seguido de perguntas específicas sobre Dinâmica familiar; Ocupação/Trabalho; e Saúde. Objetivou compreender de que forma a pandemia e o isolamento social afetaram a vida das mulheres mães nos anos de 2020 e 2021. Buscou organizar em categorias as respostas sobre como as mulheres sentiram os impactos causados pelo isolamento social e (re)organizaram o tempo entre esses tipos de trabalho e o cuidado consigo mesmas. A amostra da pesquisa compreendeu um número de 103 participantes, mulheres mães, entre 18 e 45 anos de idade de diversos estados brasileiros. É importante salientar na discussão que muitas mulheres mães tiveram dificuldade de conciliar maternidade, trabalho doméstico, trabalho remunerado e carreira durante a pandemia, e mesmo com uma rede de apoio elas se sentiram sobrecarregadas de alguma forma, gerando estresse, ansiedade e/ou depressão, ou seja, um conjunto de sintomas que provocam exaustão e impactam a saúde mental.

Palavras-chave: Maternidade., Carreira., Pandemia., Saúde mental.

Abstract: This article is the result of qualitative, analytical research, which had as its main instrument an online questionnaire, divided by themes, the first being sociodemographic data, followed by specific questions about Family Dynamics; Occupation/Work; and Health. It aimed to understand how the pandemic and social isolation affected the lives of women mothers in the years 2020 and 2021. It sought to organize the responses into categories about how women felt the impacts caused by social isolation and (re)organized the time between these types of work and taking care of themselves. The research sample comprised 103 participants, female mothers, between 18 and 45 years of age from different Brazilian states. It is important to highlight in the discussion that many women mothers had difficulty balancing motherhood, domestic work, paid work and career during the pandemic, and even with a support network they felt overwhelmed in some way, generating stress, anxiety and/or depression, in other words, a set of symptoms that cause exhaustion and impact mental health.

Palavras-chave: Motherhood., Career., Pandemic., Mental health.

Introdução

Ao se levantar reflexões sobre o fazer da mulher no período pandêmico, vivenciado no ano de 2020, percebe-se que, em suma, essas mulheres têm sofrido interferências em suas vidas laborais em decorrências de alguns fatores que sempre se fizeram presente na sociedade e na cultura, as representações sobre suas funções e seus papéis sociais, principalmente aqueles relacionados a ser mãe, o que vem agora, de maneira intensiva, a limitar os espaços e ações dessa em suas rotinas de trabalhos remunerados.

O tempo destinado às atividades de casa, como limpeza, lazer e cuidado pessoal passam a disputar espaço e tempo com o trabalho remunerado, afetando de diferentes formas homens e mulheres que precisam aderir ao *home office* ou tiveram a jornada de trabalho remunerada reduzida devido à pandemia. Apontado por alguns jornais, como a Folha de São Paulo (2021), mulheres sofreram mais devido ao impacto causado pelo isolamento social em nível de desemprego, diminuição da jornada de trabalho, bem como da redução e corte do auxílio emergencial.

É reconhecido que, por mais que a maternidade seja um fator preponderante, a desigualdade entre o sexo feminino e masculino está para além de uma perspectiva biológica, mas sim numa construção social que caracterizam e cristalizam papéis sociais (CASTRO e CHAGURI, 2020).

Ou seja, o que se espera da mulher é sua integral dedicação aos cuidados exigidos pela relação matrimonial, maternal e doméstica, cumprindo as responsabilidades impostas socialmente para ela, e não ocupando papéis considerados masculinos, como o trabalho fora do lar (SANTOS, 2016), e esta representação, além de limitar os espaços das mulheres, as sobrecarregam.

A sobrecarga feminina, para além dos cuidados com os filhos, está voltada também aos trabalhos domésticos, sendo esse fazer a maior ilusão provocada e disseminada veementemente pelo capitalismo, trazendo para mulher a responsabilidade dos afazeres domésticos como algo inato de sua personalidade, ou seja, um atributo natural relacionada à sua dimensão psicológica, posto como uma necessidade e vocação inerente a sua personificação de cuidado, amor e servidão ao outro, tudo isso, obviamente, sendo oferecido sem nenhum retorno ou suporte financeiro para essa mulher. Devido a persuasão do discurso capitalista que defende o ideal de que seria através desse fazer voluntário que a mulher se encontraria plenamente feliz e realizada, para que por meio disso se tornasse aceitável a ideia da obrigatoriedade do trabalho doméstico sem remuneração (FEDERICI, 2019).

No entanto, ainda segundo Federici (2019), ocupar esse papel de dona de casa não é natural, muito menos inato, tanto que exige das mulheres anos de socializações, condicionamento e práticas diárias para a realização e aperfeiçoamento dessas atividades relacionadas ao lar dentro do possível. Não importa o quanto de dedicação seja empenhada nisso, ainda assim, após o “dia de noiva”, a maioria das mulheres veem-se enganadas por toda sobrecarga que a vida conjugal e maternal exige, pois se esta não gosta ou não se adapta a correria e carga excessiva que estes fazeres exigem; a culpa, a frustração e a “deficiência” de sua natureza são de sua responsabilidade.

A maternidade é uma condição que agrega um peso ainda maior na desigualdade de gênero no ambiente de trabalho. Segundo Guiginski e Wajnman (2019), as contínuas desigualdades presentes no âmbito de trabalho entre mulheres e homens são como punição à maternidade e à família. Isso significa que, além das mulheres sofrerem mais com as diferenças salariais e produtivas no mercado de trabalho em relação aos homens, aquelas que são mães sofrem uma maior parte com esses contrastes. Desta forma objetiva-se compreender de que forma a pandemia e o isolamento social afetaram a vida das mulheres mães nos anos de 2020 e 2021.

No Brasil, as atividades domésticas formais e informais são unicamente responsabilidade das mulheres. Dessa maneira, a mulher que decide construir e desenvolver uma carreira profissional vê-se optando por adiar a maternidade, já que ela precisará sempre ter tempo e disponibilidade para produzir e participar efetivamente do trabalho e suas obrigações, a fim de que seja inserida no mercado (MACEDO, 2020).

O que se destaca neste trabalho está na relação entre as atividades de trabalho da casa, geralmente não remunerada; o trabalho externo, remunerado; e o cuidado dos filhos, também compreendido aqui como trabalho não remunerado¹. Observados os apontamentos questiona-se como as mulheres sentiram os impactos causados pelo isolamento social e (re)organizaram o tempo entre esses tipos de trabalho e o cuidado consigo mesmas.

Tendo em vista o isolamento social como medida de prevenção à COVID-19, que limitou as atividades presenciais das empresas, a pandemia teve um impacto significativo em toda a população trabalhadora, em especial das mulheres, pois segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), no início da crise do mercado de trabalho, mulheres e jovens possuíam 20% de probabilidade de perda de emprego. Na pesquisa são enfatizados os

¹ O trabalho não remunerado refere-se àquele exercido em casa e no cuidado com os filhos e o trabalho remunerado ao trabalho externo ao lar (grifo das autoras).

aspectos individuais que levam a maior chance de desemprego, como sexo (feminino), cor (preta e parda, 18%) e escolaridade (ensino médio incompleto, 15%). Em outra parte da pesquisa são abordados também aspectos como trabalhos sem carteira assinada (30%), que são, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres (2020) majoritariamente ocupados por mulheres (IPEA, 2020).

Em consonância, dados do IBGE de 2020, a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), apontam a distribuição de pessoas desocupadas no 3º (terceiro) trimestre de 2020 em dois aspectos, o primeiro destaca a distribuição por idade, sendo prevalente a desocupação entre os adultos de 25 a 39 anos, o que equivale a 35,4%. O segundo aspecto abordado na pesquisa é o sexo, o qual o maior percentual de desocupação, com 50,9%, é de mulheres.

Entre março e novembro do ano de 2020, o mercado de trabalho disponibilizou cerca de 107,49 mil vagas com carteira assinada, entretanto, tais vagas foram destinadas majoritariamente para trabalhadores do sexo masculino. Já para as mulheres, durante o mesmo período, houve cerca de 220,42 mil encerramentos de trabalhos formais, ou seja, o mercado de trabalho durante a pandemia contratou mais homens, que já eram maioria na participação do mercado de trabalho, e demitiu mais mulheres, as quais já são, em tempos não pandêmicos, menos cotadas para a ocupação de cargos de trabalhos formais. A tentativa de justificativa para as diferenças entre os gêneros nestes se dá pelos setores de trabalho e os mais afetados pela pandemia (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho analítico, a qual teve como principal instrumento um questionário on-line, distribuído pela plataforma google, na rede de contatos das pesquisadoras e das instituições que estas frequentam e trabalham. Dividido por temáticas, sendo a primeira de dados sociodemográficos, seguido de perguntas específicas sobre Dinâmica familiar; Ocupação/Trabalho; e Saúde. A amostra da pesquisa compreendeu um número de 103 participantes, mulheres mães, entre 18 e 45 anos de idade de diversos estados brasileiros.

A realização da presente pesquisa obedeceu aos preceitos éticos da Resolução 466/12 ou 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto da pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) e aprovado segundo o CAAE 45501421.9.0000.5048. Seguindo as normas de pesquisa, as participantes foram informadas sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE no início do questionário, escolhendo seguir ou não com a pesquisa.

A análise dos dados deu-se a partir da tabulação das informações coletadas nos dados sociodemográficos e pela leitura das respostas subjetivas das questões. Após a leitura, foram agrupadas por temáticas de consensos e dissensos para análise de conteúdo categorial. Conforme Sampaio e Lycarião (2021) a análise de conteúdo é uma técnica, com procedimentos intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais ou escritos, com o objetivo de descrever ou interpretar certo fenômeno.

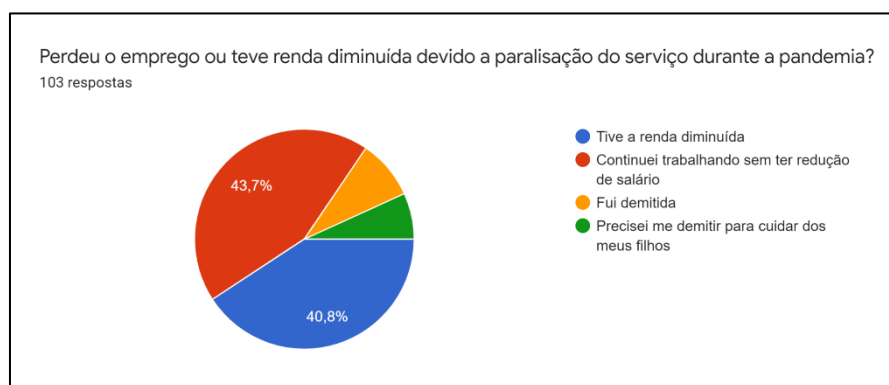
Seguindo a orientação dos autores, em crítica ao desenho de análise de conteúdo de Bardin (1997) e Bauer (2007), optou-se pelo modelo baseado em três passos a saber: 1) Conceituação e propósito; 2) Desenho e 3) Análise.

Resultados e discussões

As 103 mulheres mães participantes da pesquisa pertencem a diversos estados brasileiros, destacando um maior número ser do Ceará e de São Paulo, e em menor número da Paraíba, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A presente análise de dados não se demonstra exaustiva e generalista de resultados, posto o tamanho da amostra e representatividade de regiões brasileiras.

Sobre dados socioeconômicos, todas se identificaram enquanto mulheres cis, sendo autodeclaradas 35 brancas, 56 pardas, 10 negras, 1 indígena, 1 amarela, segundo as categorias do IBGE. 46 delas tem de 29 a 39 anos, 41 de 18 a 28 anos, 14 de 40 a 50 anos e duas de 50 anos acima. 38% recebem até um salário-mínimo, 28% até dois salários, e 34% recebe mais que dois salários por mês. A maioria delas (87%) tem um ou dois filhos, e exatamente 68 mulheres dividem o lar com 3 ou 4 pessoas. Nove delas informaram que foram demitidas durante a pandemia, enquanto sete precisaram se demitir para cuidar dos filhos no mesmo período.

Gráfico 1: Emprego e renda



Sobre o grau de instrução, temos mulheres em sua maioria com curso superior completo ou em andamento de 46,6% e 20,4% respectivamente; seguido por 23,3% com ensino médio completo. Um dado interessante é que 48 delas iniciaram um curso na pandemia, em contrapartida 27 delas trancaram um curso que estava em desenvolvimento durante a pandemia.

Sobre a dinâmica familiar: 64,1% convivem com companheiro e filho; 18% tem a dinâmica a qual chamamos de alargada, na qual convivem juntos na mesma casa avós, tios ou outros familiares; e 17,5% tem a família uniparental (só mãe e filhos moram na mesma casa). 20,4% destas ainda conta com pensão do genitor da(s) criança(s).

Da amostra 87% informaram que tem uma rede de apoio que auxilia no cuidado com os filhos caso precisem. Entretanto 56,3% informaram que com a pandemia teve que desempenhar os afazeres domésticos sozinha, e 69,9% se sentiu sobrecarregada com o trabalho doméstico e cuidado com os filhos (gráfico 2). Quando perguntado sobre a observação de picos de estresse ou ansiedade maior durante a pandemia comparados a meses anteriores 93,2% afirmaram que se sentiram mais estressadas, depressivas ou ansiosas.

Gráfico 2: Sobrecarga



Sobre a dinâmica familiar na percepção das participantes da pesquisa

- Você sentiu que a dinâmica familiar foi afetada durante a pandemia?

Após serem questionadas sobre a possibilidade de a dinâmica familiar ter sido alterada durante a pandemia, 79 mulheres responderam que sim, sendo citado por estas que houve maior sobrecarga devido a intensificação dos afazeres domésticos, cuidado com as crianças que ficaram sem ir à escola, além do trabalho remunerado. Em confirmação para o que discorre Federici (2019), uma das respostas exemplifica o papel opressor imposto às mulheres,

consequentemente, extirpando dos homens a responsabilidade diante os afazeres domésticos e o cuidado com os filhos.

- “Eu pari e me mudei na mesma quinzena do isolamento social, então tive que fazer muitas tarefas sozinhas já que os homens da casa não sabiam fazer”.
- “Mudou pois meus pais idosos ficaram completamente na minha responsabilidade e minha gravidez”
- “meu esposo ficou home office e sentir que ele ficou sobrecarregado e com mais tarefas o que diminuiu o ritmo de ajudar nos afazeres domésticos”

Por outro lado, das 103 mulheres que responderam o questionário 16 afirmaram que a dinâmica familiar não foi afetada. E por fim, 8 delas afirmaram que a dinâmica familiar mudou pra melhor. Dentre os argumentos citados por as mulheres que experienciaram o isolamento social como benéfico para a relação familiar foi citado que devido maior convivência os vínculos se fortaleceram, deixando-os mais próximos.

- “A minha experiência foi para melhor, tivemos mais tempo com nossos filhos, e também como casal”
- “Não diria afetada, mas sim, a dinâmica familiar foi de completa aproximação e cumplicidade”
- “afetou de forma positiva. os diálogos ficaram mais passivos e frequentes”

Observados os aspectos positivos e negativos experienciados pelas participantes, outras questões foram direcionadas. Dentre estas, foi questionada a forma como essas mulheres conciliaram a atenção e o cuidado com os filhos com outras atividades como trabalho doméstico (trabalho não-remunerado), carreira (trabalho remunerado) e outras. A partir disso, por meio das respostas obtidas, classificaram-se três categorias de resultados dessa problemática para uma análise aprofundada a fim de identificar importantes apontamentos trazidos pelas participantes em seus relatos.

Sobre a maternidade, o trabalho doméstico e a carreira.

- Como faz para conciliar a atenção e cuidado com os filhos com outras funções que você tem?

As respostas apresentadas pelas mulheres foram consideradas a partir das seguintes categorias: Rede de apoio; Organização do tempo; e Oposição filho/carreira. Cada uma dessas reúne elementos próprios que coincidem com algumas das pautas abordadas na discussão deste estudo, levando em consideração que a realidade retratada pelas respondentes corresponde a determinadas visões críticas de autores (as) e dados científicos utilizados aqui como referência.

Ao averiguar as 103 respostas à referida pergunta, constatou-se que parte das respondentes (17,47%) contam com uma rede de apoio que contribui para que elas consigam conciliar as inúmeras responsabilidades que lhes cabem. Essa rede de apoio é caracterizada tanto por algum familiar (mãe, sogra, filho mais velho), quanto por uma funcionária ou instituição (babá, creche, funcionária do lar), bem como pelo seu cônjuge (marido, namorado, pai do filho ou da filha).

- “Deixo minha filha com minha mãe”.
- “Conto com a ajuda de uma babá”.
- “Conto com a ajuda do meu esposo”.
- “Divido as tarefas com meu filho”.

Entretanto, percebeu-se que, ainda assim, existem prejuízos que abalam essas mulheres em suas vidas profissionais, pessoais e até mesmo na saúde física e mental. Por mais que elas contem com a rede de apoio, há sobrecarga de trabalho, aumento de gastos que afetam a situação financeira e atribuição de outras atividades como secundárias ou extras (trabalho remunerado ou acadêmico).

- “Pago uma creche para minha filha, mas sai muito caro”.
- “Comecei a fazer terapia em Janeiro de 2021 para conseguir lidar com a rotina nova da pandemia”.
- “Considerando a faculdade como uma atividade extra a conciliar, conto com a ajuda da minha mãe”.

Logo, é perceptível que a dupla jornada de trabalho das mulheres prejudica suas vidas profissionais, fazendo com que outras atividades sejam deixadas em segundo plano. Conforme abordado por Bitencourt (2019), as desigualdades de gênero são acentuadas a partir do momento em que os homens que auxiliam nas tarefas domésticas e paternas são exaltados e tidos como diferentes, como se fosse uma qualidade peculiar restrita à poucos.

Deste modo, por mais que mulheres recebam ajuda de seus companheiros, ainda assim elas sofrem com a sobrecarga de múltiplas tarefas que são atribuídas como normais, ou seja, fortalece o ideal de que a mulher possui a característica inata de cuidado e disposição à família, bem como aos cuidados domésticos, obrigando-as a tentar fortemente conciliar tais obrigações com outras atividades pessoais, entre elas a carreira (BITENCOURT, 2019).

A segunda categoria identificada está relacionada à organização do tempo, uma vez que, dentre os resultados analisados, 62,13% estavam atrelados à questão de tentar conciliar as várias

atividades através de uma rotina, de qualquer maneira que fosse possível ou, até mesmo, não conseguindo conciliar.

Observou-se que a grande maioria das mulheres buscam a todo custo conciliar todos os afazeres que lhes cabem, algumas por meio da adoção de uma rotina ou organização do seu dia, outras sacrificando algo como seu sono, alimentação e até cuidados próprios.

- “Apesar de ser muito difícil mas procuro manter uma rotina onde a atenção seja dada ao trabalho e aos filhos. Organizo horários para cada um”.
- “Pela manhã acordo um pouco mais cedo faço meus afazeres minha bebê acorda 12:00 no meio desses horários tem uns intervalos de 30 minutos de mama mas volta a dormir. Então, eu faço antes pra quando ela acordar eu ter tempo livre para brincar com ela”.
- “Acordar mais cedo ou dormir mais tarde”.

Esses dados levam a uma reflexão do quão desgastante foi para as participantes lidar com toda essa demanda múltipla de tarefas, onde o trabalho doméstico e materno precisou ser alinhado às suas outras atividades. Além do mais, é nítido na fala delas os malefícios que essa sobrecarga causa, desde sentimentos de fracasso até exaustão extrema.

- “é super complicado, são duas crianças de idades diferentes, com demandas diferentes. agora que voltaram à escola, eles vão em semanas diferentes (esquema de rodízio) e em escolas diferentes. Algumas vezes conseguimos fazer alguma coisa juntos, mas não é sempre. Me sinto muito cansada às vezes, e não dou tanta atenção quanto gostaria”.
- “Busco fazer o que posso. É um costume diário de falhar: falhar no trabalho, na casa e com a filha. As vezes nem concilio”.
- “No momento não consigo conciliar, faço tudo mal feito”.

Em consonância com os relatos apresentados, é importante ressaltar que a pandemia impactou grande parte das mulheres mães, para além da condição financeira. Segundo pesquisas realizadas pelo jornal Valor Econômico, cerca de 52% dessas mulheres disseram que trabalharam mais que o normal durante o contexto pandêmico, além do mais 65% delas necessitaram de ajuda para cuidados com sua saúde mental (FONSECA, 2021) e, segundo a Revista Crescer, 49% sofrem com uma condição de limbo emocional (OLIVEIRA, 2022).

Em vista disso, pode-se observar que essa categoria relacionada à organização de tempo evidencia que as mulheres precisam estar todo tempo escolhendo entre maternidade e trabalho doméstico, trabalho remunerado ou carreira, uma vez que, como explanado anteriormente por Macedo (2020), elas não possuem amparo ou condições suficientes para essa realização total, questão que se diferencia do público masculino pelo fato da dinâmica social fortalecer a ideia

de que é responsabilidade feminina tudo o que compete à família, casa e filhos, forçando-as a conciliar todas essas atribuições a todo custo.

Na última categoria definida, compreendeu-se uma oposição entre filho e carreira, dado que as falas de 8,73% das participantes demonstram a disparidade entre ambas as atividades, salientando que a grande maioria dessas optou pelos cuidados maternos frente aos afazeres domésticos ou profissionais.

- “Eu deixo minha coisas por fazer e vou cuidar do meu filho”.
- “Eu do mais atenção ao meu filho”
- “Priorizo meu filho, se der tempo, faço os afazeres domésticos”.

Ademais, algumas mulheres relataram o fato de dedicar-se inteiramente a uma só atividade durante um determinado tempo, para que pudesse estar novamente “inteira” em outra atividade, por exemplo, o trabalho materno.

- “Quando saio pra o trabalho mim dedico ao máximo.para quando chegar em casa dar total atenção a ele”.
- “Eu optei trabalhar durante a noite, pq tenho mais tempo para cuidar da minha filha”.
- “Trabalho apenas aos finais de semanas e feriados,os outros dias da semana dedico aos afazeres de casa e ao meu filho”.

Levando em consideração tais situações, mais uma vez enxerga-se como as mulheres sempre tendem a priorizar tarefas que estejam relacionadas ao lar e filhos, muitas vezes nem chegando a pensar sobre deixar a carreira de lado, por esse motivo definiu-se essa terceira categoria quanto à oposição que existe entre os filhos e a carreira.

Essa consideração pode ser articulada à visão de Federici (2019) quando em uma de suas obras ela vem retratar que as obrigações domésticas e maternas são tidas como próprias à natureza feminina, logo as mulheres apropriam-se disso e se sentem no dever de sempre colocar-se em segundo plano para atender às expectativas e encargos maternos/doméstico.

Conclusões

As mulheres já são marcadas por múltiplas jornadas de trabalho e é evidente que a pandemia da COVID-19 acentuou mais ainda a sobrecarga de atividades, visto que as medidas de isolamento social impactaram, de modo direto e indireto, diferentes mulheres mães, como trazem os dados.

A pesquisa constatou aspectos positivos e negativos vivenciados pelas participantes, sendo importante salientar na discussão que muitas mulheres mães tiveram dificuldade de conciliar maternidade, trabalho doméstico, trabalho remunerado e carreira durante a pandemia, e mesmo com uma rede de apoio elas se sentiram sobrecarregadas de alguma forma, gerando estresse, ansiedade e/ou depressão, ou seja, um conjunto de sintomas que provocam exaustão e impactam a saúde mental. Algumas mulheres declararam que priorizam tarefas de cuidado com o lar e os filhos, deixando a carreira de lado ou se colocando em segundo plano, o que contribui para menos tempo de lazer e autocuidado.

O presente estudo também trouxe os desafios relacionados a desigualdade de gênero existente na sociedade patriarcal e deve ser relacionado como um fator que traz impactos na vida de diferentes mulheres, pois são nítidas as disparidades econômicas e sociais, como o nível de desemprego, desigualdade salarial, além de que o trabalho da mulher é constantemente invisibilizado. Vale ressaltar que esse fator está atrelado aos papéis atribuídos às mulheres como cuidadoras do lar e dos filhos, sendo responsáveis por todo o trabalho doméstico, enquanto não existe a mesma cobrança de cuidado ao homem. Portanto, compreende-se necessário a relevância da continuidade de outras pesquisas sobre o tema e fomentar discussões e estratégias para enfrentar os desafios do público citado.

Referências

BAUER, M. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão.** In: Bauer, M.; Gaskell, G. (Orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, Editora Vozes, p.189-217, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BITENCOURT, S. M. A maternidade para um cuidado de si: Desafios para a construção da equidade de gênero. **Estudos de Sociologia**, [S. l.], v. 24, n. 47, 2020. DOI: 10.52780/res.11407. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/11407>. Acesso em: 20 maio. 2022.

CASTRO, Bárbara; CHAGURI, Mariana Miggiolaro. **Gênero, tempos de trabalho e pandemia: por uma política científica feminista.** Linha Mestra, n. 41 a, 2020.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista.** Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO, BRIGATTI, Fernanda. **Pandemia deixa mais da metade das mulheres fora do mercado de trabalho.** 2021. Folha de São Paulo. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/02/pandemia-deixa-mais-da-metade-das-mulheres-fora-do-mercado-de-trabalho.shtml>.

FONSECA, Adriana. **Impactos da pandemia em mães que trabalham fora é maior, aponta pesquisa.** Valor Econômico, 2021. Disponível em: <<https://valor.globo.com/carreira/noticia/2021/08/31/impacto-da-pandemia-em-maes-que-trabalham-fora-e-maior-aponta-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

GUIGINSKI, Janaína, WAJNMAN, Simone. A penalidade pela maternidade: participação e qualidade da inserção no mercado de trabalho das mulheres com filhos. **Rev. bras. estud. popul. [online]**. 2019, vol.36 [cited 2021-05-23], e0090. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982019000100159&lng=en&nrm=iso>.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD)**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/17270-pnad-continua.html?=&t=o-que-e>.

IPEA. 2020. **Taxa de desemprego**. 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/tag/taxa-de-desemprego/>.

MACEDO, Shirley. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 12, n. 2, p. 187-204, ago. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217525912020000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 jan. 2021.

OLIVEIRA, Amanda. **Saúde mental materna: 49,1% das mães dizem se sentir em limbo emocional.** Revista Crescer, 2022. Disponível em: <<https://revistacrescer.globo.com/Educacao-Comportamento/noticia/2022/01/saude-mental-materna-491-das-maes-dizem-se-sentir-em-limbo-emocional.html#:~:text=Sobrecarga%20%C3%A9%20uma%20palavra%20que,sentir%20em%20um%20limbo%20emocional.>>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

OLIVEIRA, Anita Loureiro de. A especialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia da COVID-19. **Revista Tamoios**, [S.l.], v. 16, n. 1, maio de 2020. ISSN 1980-4490. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50448>>. Acesso em: 22 dez. 2020.

SANTOS, Thainá Saranholi dos. **Anos dourados no Brasil: a imprensa e o ideário feminino na década de 1950**. In: Encontro de pesquisa em história: a década do afrodescendente, 2016, São Paulo, *Anais*. São Paulo: Universidade do Sagrado Coração, 2016. p. 36-54.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: Enap, 2021. 155 p.: il. -- (Coleção Metodologias de Pesquisa).

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Contribuição dos autores

Concepção e conceitualização: TAFF, RKCCA.

Redação do manuscrito original: TAFF, RKCCA.

Curadoria de dados: RPS, IBR, EOL.

Análise de dados: AAB, AMOS, LNA.

Redação textual: TAFF, RKCCA.

Supervisão: RPS, IBR, EOL.

Financiamento

Não houve financiamento.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação, ética e consentimento

CAAE: 45501421.9.0000.5048
